

REDES BOLSONARISTAS: ataque ao politicamente correto e conexões com o populismo autoritário

Bruna Silveira de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais

Rousiley Celi Moreira Maia

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Este artigo tem por objetivo explorar as relações existentes entre o ataque ao politicamente correto e distintos aspectos do populismo. Três dimensões são examinadas: a) o antielitismo e valorização da linguagem popular; b) as demandas por unicidade popular; c) a projeção de um futuro ideal. Trata-se de um estudo exploratório, eminentemente qualitativo, que se vale de dados extraídos de uma análise de conteúdo baseada em 1235 comentários na página de Facebook do então candidato à Presidência Jair Bolsonaro (ex-PSL), no período eleitoral de 2018. As análises evidenciam diferentes graus de ameaça que os ataques à regulação discursiva, em concernência ao populismo autoritário, impõem à convivência democrática.

Palavras-chave: Ataque ao politicamente correto. Populismo autoritário. Crise da democracia.

BOLSONARISTAS NETWORKS: the attack on the political correctness and connections with authoritarian populism

ABSTRACT

This article aims to explore the relationship between the attack on the political correctness and different aspects of populism. Three dimensions are examined: a) anti-elitism and the valorization of popular language; b) demands for popular unanimity; c) the projection of an ideal future. This is an exploratory, mainly qualitative, study, based on a content analysis of 1235 comments on the Facebook page of the then presidential candidate Jair Bolsonaro (ex-PSL), in the 2018 electoral period. The analyzes show different levels of threat that attacks on discursive regulation, as related to authoritarian populism, impose on democratic coexistence.

Keywords: Attack on the political correctness. Authoritarian populism. Crisis of democracy.

Recebido em: 21/08/2020

Aceito em: 18/09/2020

INTRODUÇÃO

Líderes populistas como Jair Bolsonaro, no Brasil, e Donald Trump, nos Estados Unidos, já se mostraram explicitamente contrários ao politicamente correto¹ (SHAFER, 2017; DI CARLO e KAMRADT, 2018). Esse discurso, adverso ao politicamente correto (PC), ora se ocupa de críticas à coerção da liberdade de expressão, ora se apresenta como intolerância. Ou ambos (CHOI e MURPHY, 1992; RAMOS, 2017; RAJAGOPALAN, 2000; STRAITS e BLANTON, 2015). O presente artigo parte da premissa de que pessoas adeptas ao politicamente correto, aqui entendido também como uma regulação discursiva, se compreendem como parte de uma sociedade plural e contestam insultos e comentários ofensivos às minorias (DZENIS e FARIA, 2020). Contudo, nem sempre é claro de que maneira o ataque ao politicamente correto representa uma batalha contra o pluralismo e, assim, constitui-se como uma ameaça à convivência democrática. Isso porque o politicamente correto é também criticado por grupos de cunho mais progressistas, sob a justificativa de que essa regulação é inútil para provocar transformações sociais verdadeiras e necessárias (RAMOS, 2017; RAJAGOPALAN, 2000). Esta modalidade de objeção *per se* não implica em contestação à pluralidade de grupos sociais e nem em intolerância para com demandas por reconhecimento avançadas por minorias em desvantagem social.

Este artigo tem por objetivo lançar luz sobre as dimensões em que o ataque ao PC constitui-se como uma negação à política da diferença e ao reconhecimento do outro. O populismo autoritário, por sua vez, busca a homogeneidade do povo e o antagonismo a grupos vulneráveis, ameaçando, assim, a tolerância e a inclusão (MANSBRIDGE e MACEDO, 2019). Dessa forma, interessa-nos investigar as preocupações entre o ataque ao PC e distintos aspectos do populismo autoritário. Tomando como base tal dimensão, examinamos, em particular, as relações existentes entre: a) o antielitismo populista e a valorização da linguagem popular, como modo de encobrir discussões sobre demandas de inclusão; b) a unicidade popular clamada pelo populismo e a contrariedade às pautas identitárias; c) a superação da regulação da linguagem como parte de um projeto de um futuro ideal. Argumentamos que, nas situações em que o ataque ao PC se associa a essas dimensões, estas atitudes oferecem riscos aos pressupostos democráticos.

¹ Ver mais em: 'Vamos libertar o povo do socialismo e do politicamente correto', diz Bolsonaro. <https://oglobo.globo.com/brasil/vamos-libertar-povo-do-socialismo-do-politicamente-correto-diz-bolsonaro-23339518>. / Donald Trump on political correctness: It takes too long. <https://www.cbsnews.com/video/donald-trump-on-political-correctness-it-takes-too-long/#x>. Acesso em: 05/10/2020.

Como estudos sobre a afinidade entre populismo e ataque ao PC são raros, nosso estudo, ao examinar esta questão em um contexto eleitoral, contribui para a melhor compreensão deste fenômeno no campo da comunicação política. Em particular, a análise oferecida neste artigo ajuda a descortinar nuances da regulação discursiva e seus apelos para a formação da opinião pública em relação à agenda política do populismo autoritário. Baseado na análise de conteúdo (BARDIN, 1994; NEUENDORF, 2002) de uma amostra representativa de proferimentos, o estudo examina 1235 comentários e respostas na página de Facebook do então candidato à Presidência Jair Bolsonaro (ex-PSL), durante o período de propaganda eleitoral oficial, de 16 de agosto de 2018 a 28 de outubro de 2018. Destaca-se, aqui, que a análise de conteúdo opera como um suporte para uma análise proeminentemente qualitativa, que ilustra empiricamente a questão em tela. O período eleitoral brasileiro de 2018 é apropriado para desenvolvermos esta pesquisa porque, além da intensa polarização política vivenciada durante o período (BAPTISTA et al., 2018; CHUERI, 2018, ABRANCHES, 2019, GOYA et al., 2019), os atributos peculiares do discurso eleitoral, como projeção do futuro ideal e aplicação intensa do apelo emocional (PANKE e THAUANY, 2013) produzem um rico contexto para a análise proposta.

Cabe ressaltar que as eleições que empossaram Jair Bolsonaro como Presidente da República determinaram o caráter especial da utilização das plataformas de mídias sociais para fins eleitorais, em comparação ao paradigma tradicional de comunicação anteriormente marcado por campanhas diretas, Horário de Propaganda Eleitoral e mídia tradicional (FERES JR. e GAGLIARDI, 2018). A comunicação bidirecional criada entre um candidato e seus apoiadores permite descentralizar as ações eleitorais, envolvendo os próprios cidadãos comuns no trabalho de campanha (STROMER-GALLEY, 2014). No Brasil, a campanha de Bolsonaro notabilizou-se por basear-se no uso das mídias sociais, especialmente no WhatsApp e no Facebook (CIOCCARI e PERSICHETTI, 2018; ITUASSU et al., 2019). Os eleitores de Jair Bolsonaro integraram o índice mais alto de usuários de alguma rede social, 81%, contra 59% entre os eleitores de Fernando Haddad, e 72% entre os eleitores de Ciro Gomes². O Facebook, dada sua abrangência e baixo custo, tornou-se essencial para as campanhas eleitorais (PANKE e THAUANY, 2013).

Este artigo está assim organizado. Tratamos, em primeiro lugar, do conceito do

² Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/03/datafolha-quantos-eleitores-de-cada-candidato-usam-redes-sociais-leem-e-compartilham-noticias-sobre-politica.ghtml>. Acesso em: 15/07/2020.

politicamente correto e dos significados de regulação discursiva. Em seguida, buscamos elaborar um argumento teórico preliminar acerca das relações existentes entre o ataque à regulação da linguagem e os ideais populistas, num contexto de ameaças à democracia. Após a descrição dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, empreendemos a análise, que investiga os três elementos da referida relação apontada nesta introdução.

1 REGULAÇÃO DISCURSIVA: SINÔNIMO PARA O USO DA LINGUAGEM POLITICAMENTE CORRETA

Convencionalmente, o PC compreende diferentes definições que envolvem grande complexidade. A fim de explorar distintas concepções, Granath e Ullén (2017) desenvolveram um estudo sobre como a expressão “politicamente correto” e frases relacionadas a este termo foram utilizadas na revista americana *Time* entre 1923 e 2006. Os autores destacam a necessidade de compreender diversos julgamentos atribuídos ao termo. O primeiro sentido, extraído do *Oxford English Dictionary*, refere-se à sua adequação para a política e circunstâncias sociais (GRANATH e ULLÉN, *ibid*). O segundo sentido, ainda conforme os autores, relativo ao caráter usualmente depreciativo dado ao termo, abarca sua origem norte-americana, e sua intenção de se rejeitar a linguagem e o comportamento considerados discriminatórios. Ao examinar grande volume de dados ao longo mais de oitenta anos, Granath e Ullén (*ibid.*) concluem que houve um aumento dramático na frequência de uso do termo PC no início da década de 1990. Os usos negativos ou irônicos relativos à expressão foram predominantes, e, em sua maioria, eram críticos às normas culturais não ditas, e, portanto, veladas.

A questão dos currículos e das ações afirmativas acadêmicas nos Estados Unidos, focadas em raça, classe, gênero e orientação sexual, estimulou o debate sobre o PC no período das chamadas guerras culturais, nos anos 1980 e 1990 (HUGHES, 2010; GRANATH e ULLÉN, 2017; RAMOS, 2017). Mesmo que o termo seja utilizado em textos da *New Left*, foi a direita estadunidense que lhe deu o caráter de “autoritarismo policialesco da esquerda no uso da linguagem” (RAMOS, 2017, p. 48).

No presente artigo, interessa-nos a dimensão do politicamente correto como um anteparo contra a discriminação social. Isso porque, ao limitar o discurso e o comportamento ofensivo em relação a grupos menos privilegiados (DZENIS e FARIA, 2020), a correção da linguagem tem o intuito de reconhecer as diversas identidades que coexistem na esfera pública. Aqui, chamamos o PC também como uma forma de regulação discursiva, como orientações

para novas regras sociais. As reflexões sobre o politicamente correto se encaminham paralelamente à política das diferenças (CHOI e MURPHY, 1992). Deste modo, a vertente de cunho conservador que se opõe ao politicamente correto, em grande parte, nega hierarquias classistas, racistas e sexistas (RAMOS, 2017). Frequentemente, tal segmento alega que tais discriminações inexistem em nossa realidade.

“Aqueles que se opõem ao comportamento politicamente correto, em especial, à linguagem politicamente correta, estão se baseando numa visão da linguagem e o que ela é e não é capaz de fazer” (RAJAGOPALAN, 2000, p. 94). Assim, o ataque ao PC, pode, ainda, normalizar discursos racistas (SHAFER, 2017). Conforme aponta Shafer (ibid.), a apologia que o presidente americano Donald Trump faz ao politicamente incorreto pode levar ao aumento da violência racial e à criação de políticas neoliberais com fortes impactos raciais.

No presente artigo, entendemos que as questões relativas à regulação discursiva vão além da preocupação restrita ao uso linguagem, mas perpassam pelo caráter transformador dessa linguagem, que se capilariza em posicionamentos, ideais, e, sobretudo, nas lutas por reconhecimento (GALEOTTI, 2005; HONNETH, 2009;). Assim, compreende-se que a regulação do discurso, que intenciona a criação de uma esfera pública mais inclusiva, opera baseada em regras e acordos sociais de convivência.

1.1 Brasil: algumas peculiaridades sobre o uso do PC

Com frequência, discursos politicamente incorretos explicitamente contestam a politização da palavra e da fala. As questões e os atributos são, tipicamente, tomados como algo de caráter singular ou individual. Num país onde ouve-se locuções como “inveja branca”, “dia de preto”, “humor negro”, “não seja uma mulherzinha”, “judiação”, entre outras expressões politicamente incorretas, não há como sustentar que a língua seja neutra. Ao invés de ser neutra e descontextualizada, a língua conta a nossa história, e revela traços do que é ser brasileiro. Para Schwarcz (2019), a mitologia nacional de que nosso povo possui características como tolerante e pacífico faz parte da complexa tessitura histórica e social de nosso país. A autora afirma que o Brasil é muito mais excludente do que inclusivo. Outrora visto e enaltecido como cordial, o brasileiro atualmente retira as suas máscaras e se revela intolerante, o que, então, vem acarretando uma erosão da cultura cívica, como vem destacado recentemente em estudos da atual conjuntura (SOUZA, 2018; SCHWARCZ, 2019; SOLANO, 2019; etc).

Além disso, alguns autores propõem que as elites brasileiras firmaram uma espécie de acordo de rejeição ao PC (SOARES, 1998; SCABIN, 2018), ao julgarem o fenômeno como uma maneira de cerceamento do humor e da espontaneidade. Em nosso país, é comum utilizar o termo como sinônimo para censura, e, ainda quando se deseja ridicularizar certas situações relativas a uma minoria (FERREIRA, 2006). “Tornou-se um termo polissêmico e negativamente adjetivado. Há até os que se orgulham de se autoproclamarem ‘politicamente incorretos’” (FERREIRA, 2006, p. 84). De modo pragmático, Ferreira (ibid.) ainda aponta que o uso do PC foi também associado a políticas e medidas consideradas pouco populares, tais como a remodelagem de currículos, de narrativas históricas em livros didáticos e a mudança do vocabulário empregado na comunicação de massa. Neste contexto, cabe destaque o lançamento do Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil, por Leandro Narloch em 2009. Este livro, que traz a negação de fatos que compõem a história do país, teve continuações em áreas distintas: filosofia, futebol, sexo, economia, política, entre outras. Para Narloch, os professores de história reproduziram concepções defasadas³.

Tipicamente na área do entretenimento, podemos traçar um amplo debate sobre o PC entre os humoristas. No período da redemocratização brasileira, o PC sofreu ataques em diferentes frentes. Durante a ditadura, eram nítidos os desafios do fazer humorístico, assim, o processo de abertura política influenciou na também escassez ou até na falta de limites para o humor⁴. Atualmente, o humorista Danilo Gentili é nacionalmente conhecido por ser adepto do politicamente incorreto e por suas piadas de repúdio aos direitos humanos (SANTANA e LEAL, 2019). Ao examinar o discurso politicamente incorreto na atual mídia humorística televisiva brasileira, Santana e Leal (2019) propõem que a piada não é inocente, mas, ao invés disso, um discurso coberto por intenções silenciadas. Neste sentido,, entendemos que tal discurso e silenciamentos reafirmam relações de poder e reproduzem determinadas práticas sociais num contexto definido. O humor transgressor sem reflexão se transforma em um humor politicamente incorreto acrítico, passível de se tornar uma problemática. Nas palavras de Santana e Leal, esta subversão pode estar “a serviço de uma moral predeterminada que não questiona seus próprios valores” (ibid., 2019, p. 379). Como indicado, nosso artigo focaliza este tipo de questão.

³ Ver mais em: RAMOS, 2015. Para Ramos (ibid.), Narloch, em sua narrativa, consegue mobilizar diversas conexões com o leitor, familiarizado com suas experiências e saberes que circulam na sociedade e que estão relacionados aos interesses de certos nichos sociais.

⁴ Ver mais em: documentário “Rindo à Toa – Humor sem Limites”, dos diretores Cláudio Manoel, Álvaro Campos e Alê Braga.

Determinadas inversões, podem ocasionar, por exemplo, episódios como o de jovens que se mostram revoltados pela opressão sofrida pelos heterossexuais brancos de classe-média brasileiros. É, portanto, preocupante a disseminação desse tipo de humor acrítico e de discursos autoritários sobre o politicamente correto, numa sociedade que se pretende democrática.

2 AMEAÇAS À DEMOCRACIA E SUAS RELAÇÕES COM O POPULISMO

O populismo autoritário representa uma ameaça à tolerância e à inclusão, essenciais para a pluralidade democrática (MANSBRIDGE e MACEDO, 2019), ao prezar pela homogeneidade do povo, pelo antagonismo a grupos vulneráveis, e pelo nacionalismo. Vários autores empreenderam discussões sobre os conflitos que envolvem o politicamente correto (PC), no que se refere à assertividade ou não da sua utilização (HALL, 1994; HERZOGENRATH-AMELUNG, 2016; RAMOS, 2017; RAJAGOPALAN, 2000). Há diversas concernências entre a pauta e o populismo, compreendido como um fenômeno comunicacional e discursivo (DE VREESE et al., 2018; ERNST et al., 2018).

Primeiro, o ataque ao PC pressupõe, de certa forma, uma valorização à linguagem simples. Neste sentido, Soares (1998) sugere que seria uma pretensão equivocada estabelecer uma gramática exclusiva do comportamento socialmente aceitável. Tal hipotética aceitabilidade leva à crença de que a regulação discursiva pode ser elitizada e não popular. A batalha contra as elites e a ideia de que o povo deve vir sempre em primeiro lugar é uma das características do discurso populista (ENGESSER et al., 2017; MANSBRIDGE e MACEDO, 2019, entre outros). “O populista ataca, acusa ou culpa a elite pelas avarias e queixas da democracia.” (ENGESSER et al., 2017, p. 1112). A elite aqui refere-se a diferentes esferas, como intelectual, econômica, cultural e política.

É válido explicitar que não entendemos que o antielitismo populista e o enaltecimento da linguagem popular sejam necessariamente comportamentos corrosivos à democracia. Esperar por uma linguagem simples e buscar por atender aos anseios populares, à primeira vista, não correspondem ameaças democráticas (MANSBRIDGE e MACEDO, 2019). Porém, devemos ter em mente a natureza da “noção de povo” evocada pelos líderes populistas e as características dos grupos pertencentes em tal concepção. Tais indagações constituem o pano de fundo de nossas análises. Por exemplo, Norris e Inglehart (2019) caracterizam Trump como um líder que usa da retórica populista como forma de legitimação do seu próprio estilo de governança. Há, contudo, diferentes maneiras de articular valores autoritários que representam

diferentes graus de ameaça à convivência cívica plural, às instituições e à democracia.

O segundo elemento concernente ao ataque ao politicamente correto e o populismo refere-se à busca pela homogeneidade popular. Em grande parte esta questão implica numa oposição às pautas identitárias. É preciso, contudo, destacar o fato de que, muitas questões, anteriormente consideradas da esfera íntima, como é o caso das relações sexuais, acabaram adquirindo status político (HALL, 1994; SCABIN 2018). A intensificação dos conflitos sociais é decorrente de lutas envolvendo grupos estigmatizados pela raça ou grupos subordinados pelo gênero. Por isso, a pauta do politicamente correto, bem como da aqui chamada regulação discursiva, abriga atenções referentes às pautas identitárias.

Acerca do valor epistemológico da luta pela defesa do PC, Strauts e Blanton (2015) questionam: os confrontos e a vigilância do uso da linguagem politicamente correta representam um obstáculo à promoção da tolerância? Para Choi e Murphy (1992), não há dúvidas de que as pessoas adeptas ao politicamente correto são intolerantes em relação à insultos racistas e aos comentários referentes ao fanatismo. Para esses autores, a ideia de que certos discursos podem colocar em risco comportamentos democráticos não deve ser vista como paradoxal. Quando há uma aversão à regulação do discurso em prol de grupos estigmatizados, há uma deslegitimação da existência desses sujeitos. Ao considerar demandas de certos grupos como “mimimi”, “vitimização”, “vitimismo”, “frescura” ou “firula”, o ataque ao politicamente correto carrega consigo não só uma distorção das demandas, mas, mais que isso, um apagamento da reivindicação de injustiça e um descrédito pelo sofrimento do outro. E, assim, a negação da própria existência do outro enquanto sujeito merecedor de respeito.

Jair Bolsonaro (sem partido), em suas estratégias de marketing político durante as eleições, mobilizou as reações adversas ao politicamente correto (DI CARLO E KAMRADT, 2018). Porém, como apontam Di Carlo e Kamradt (2018), ele não surge do vazio. O então presidente é porta-voz de uma cultura gestada nos últimos anos pelos meios de comunicação e pelo mercado editorial. Uma das estratégias do atual presidente foi instigar a lógica de aversões e antagonismos já instalados entre a população brasileira, entre elas, o ódio já existente em relação ao politicamente correto (RAJAGOPALAN, 2000). Abaixo, ilustramos o ataque à regulação discursiva por parte dos apoiadores de Bolsonaro, dentro do nosso universo de comentários extraídos da página do Facebook do então candidato. De acordo com a Tabela 1, em 96,4% dos comentários, encontramos apoiadores de Bolsonaro que atacam a regulação.

Tabela* 1 - Relação dos opositores e apoiadores de Bolsonaro com a regulação discursiva

		Regulação discursiva		
		Atacam	Defendem	Total
Candidato Jair Bolsonaro	Opositores	23 (2,6%)	6 (0,7%)	29 (3,3%)
	Apoiadores	835 (96,4%)	2 (0,2%)	837 (96,6%)
Total		858 (99%)	8 (0,9%)	866 (100%)

*A tabela foi criada, originalmente, pelo IBM SPSS *Statistics*, a partir do valor total do corpus: 1233 (casos omissos: n=2 / Qui-quadrado de Pearson: Valor 379,491^a; Significância Assintótica (Bilateral), 000). Porém, a título de melhor compreensão, optamos por explicitar na tabela apenas os casos válidos, desconsiderando os comentários não-identificáveis.

FONTE: Elaborada pelas autoras.

Considerando o contexto, os líderes populistas despontam em meio a crises de legitimidade política das instituições do governo representativo (DE LA TORRE e PERUZZOTTI, 2018; MOUNK, 2019). A falta de confiança popular nessas instituições e na democracia como uma forma de governo sustenta, de tal sorte, a escolha por líderes populistas. Assim, o ataque ao politicamente correto se apresenta como um veículo para eliminar mediações da linguagem e do tratamento correto recíproco, estabelecidos pelos próprios cidadãos, de maneira prática, numa dada sociedade democrática.

Segundo Ernst et al. (2018), os políticos populistas, ao se expressarem em suas redes sociais, utilizam tais plataformas, principalmente, como meio de influenciar a agenda da mídia. Assim, outro elemento que alinha o ataque ao politicamente correto ao populismo é a ótica discursiva. Os comentários expressos na página de Bolsonaro, durante o período eleitoral, referem-se a uma gama de assuntos relevantes. Nosso objetivo, ao optar pelo ataque ao politicamente correto e sua relação com o populismo autoritário, visa contribuir para refinar o entendimento do fenômeno da regulação discursiva no campo da comunicação e política. O fenômeno aqui detalhado trata-se de um discurso metalinguístico, que trata de si mesmo e faz uma crítica à própria linguagem. Esta abordagem também nos aproxima da reflexividade das análises comunicacionais para a escolha de representantes políticos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Coleta

Para condução desta pesquisa, foi criado um script exclusivo com o objetivo de realizar a raspagem dos dados (*web scraping*) do Facebook. Foram coletados os comentários e respostas da página de Facebook de Jair Bolsonaro (ex-PSL) durante o período eleitoral oficial, de 16 de agosto a 28 de outubro de 2018.

Um *web scraper* equivale a uma API (*Application Programming Interface*) ou a um acessório que, ao fazer uso dos padrões de construção do HTML (*Hypertext Markup Language*), extrai os dados de uma ou mais páginas da internet; ou ainda a uma API que consome o banco de dados de um software para coleta dos dados diretamente da fonte, dispensando a necessidade da raspagem HTML *in situ*. Para cada tipo de raspagem do Facebook, é preciso que se crie um script diferente, já que, desde o incidente com a Cambridge Analytica⁵, a plataforma desativou sua API. Dessa forma, é apropriado destacar que não possuímos todo o universo de comentários e respostas referentes às páginas e ao período mencionados, pois o Facebook não disponibiliza a raspagem na íntegra.

3.2 Amostra

A nossa coleta produziu um banco de dados com aproximadamente um milhão e 200 mil comentários, e 400 mil respostas. Anteriormente à construção da análise, criamos a amostra. O primeiro passo foi a seleção das palavras-chave específicas, e, para esta fase, realizamos uma leitura flutuante do material que continha os termos “politicamente correto” e “politicamente incorreto”, assim, encontramos sinônimos dos termos nos próprios comentários do corpus. Chegamos às seguintes palavras-chave: “mimimi”, “firula”, “frescura”, “vitimização”, “vitimismo”, “discurso bonito”, além de “politicamente correto” e “politicamente incorreto”. Assim, a partir da linguagem Python, realizamos uma busca pelos comentários que citam os termos mencionados. O universo total após essa filtragem, conta com 1.235 proferimentos.

⁵ A Cambridge Analytica foi acusada por usar dados do Facebook durante a propaganda eleitoral de 2016 dos EUA.

3.3 Etapas analíticas

A partir da configuração da amostra, categorizamos os comentários por um livro de códigos, como demanda a análise de conteúdo (AC) (BARDIN, 1994; NEUENDORF, 2002). Embora a AC seja frequentemente utilizada em estudos quantitativos, neste artigo optamos por desenvolver uma análise de natureza proeminentemente qualitativa. Para os propósitos do artigo, empregamos dados derivados da AC para ilustrar empiricamente a afinidade existente entre o populismo e o ataque ao politicamente correto, com base na literatura corrente sobre esses fenômenos, comumente examinados em distintas sub-áreas.

3.3.1 A codificação

As unidades de registro da codificação equivalem a cada comentário postado nas páginas em questão. Para o estudo, elaboramos oito códigos, dentro de diferentes categorias.

Tabela 2 - Livro de códigos utilizado para a análise

Categoria	Código	Definição
	Ataque ou defesa à/da regulação discursiva	Comentários a favor ou contra à/da regulação.
Geral	Opositores ou apoiadores de Jair Bolsonaro	Comentários de pessoas favoráveis ou contrárias ao candidato.
	Regulação discursiva como correção para tratar sobre pautas identitárias	Quando a regulação se refere às lutas identitárias. Código relacionado à categoria teórica (descrita na análise) da unicidade popular clamada pelo populismo e a contrariedade às pautas identitárias.
Natureza do entendimento sobre a regulação discursiva	Regulação discursiva relacionada à valorização da linguagem popular	Argumentos contrários à linguagem elitista e difícil de ser compreendida. Código relacionado ao antielitismo populista e a valorização da linguagem popular, como modo de encobrir discussões sobre demandas de inclusão.
	Regulação discursiva como aquilo que não ultrapassa as barreiras do discurso	Comentários que enquadram a regulação como algo que não parte para a ação concreta.
	Regulação discursiva como símbolo de honestidade, honra e dignidade.	Exaltação do uso da regulação discursiva.

Argumento acionado	"O Brasil é um só"	Argumentos referentes ao “somos todos iguais”, que reivindicavam pela homogeneidade popular. Este código também serve como base para a categoria teórica da unicidade popular clamada pelo populismo e a contrariedade às pautas identitárias.
	"Para salvar/mudar o Brasil"	Comentários que demandavam por resultados e pela transformação do país. Tal código é suporte para a categoria teórica (descrita na análise) da superação da regulação da linguagem como parte de um projeto de um futuro ideal.

FONTE - Elaborado pelas autoras.

3.3.2 A confiabilidade

A fim de garantir a objetividade analítica e o rigor metodológico, realizamos o teste cego do livro de códigos, em que duas diferentes codificadoras empreenderam a análise de 10% do corpus empírico. O resultado do nosso teste de confiabilidade, baseado no coeficiente alfa de Krippendorff (KRIPPENDORF, 2007), teve como maior valor 0,799, e menor 0,704. Acima de 0,6, o alfa de Krippendorff já é considerado satisfatório e pode ser aprovado.

4 ANÁLISE

Antes de proceder nossa análise em resposta às perguntas que guiam este artigo, é relevante destacar que os apoiadores de Bolsonaro, isto é, aqueles usuários que comentaram em sua página no Facebook durante o período eleitoral, entendem por “politicamente correto” e regulação discursiva. Adotamos os quatro códigos já explicados na seção metodológica para lidar com essa questão, são eles: (i) regulação discursiva como correção para tratar sobre pautas identitárias; (ii) regulação discursiva relacionada à valorização da linguagem popular; (iii) regulação/politicamente correto como aquilo que não ultrapassa as barreiras do discurso; (iv) regulação discursiva como símbolo de honestidade, honra e dignidade. É bom salientar que, dentro do corpus codificado, conforme já mencionado, dentre apoiadores e opositores, 96,4% dos apoiadores de Bolsonaro atacam a regulação discursiva.

Conforme mostra o Gráfico 1, a maior parte dos comentários dos apoiadores de Bolsonaro foram categorizados nos códigos de regulação discursiva para tratar pautas

identitárias (68%) e regulação discursiva e sua relação com a valorização da linguagem popular (23%). Sendo assim, optamos por dialogar com essas duas categorias.

Tabela* 3 - Apoiadores de Bolsonaro e definições sobre a regulação discursiva e o politicamente correto

Apoiadores de Bolsonaro	
Reg. discursiva como correção para tratar de pautas identitárias	68%
Reg. discursiva e a valorização da linguagem popular	23%
Reg. discursiva como algo que não ultrapassa as barreiras do discurso	9%
Reg. discursiva como símbolo de honestidade	1%

*Elaborado com o auxílio do IBM SPSS *Statistics*.

FONTE - Elaborado pelas autoras.

É válido destacar que as publicações de Bolsonaro destacadas nas seções a seguir foram selecionadas em virtude dos comentários, e não o contrário. A seleção dos comentários, por sua vez, além de ter sido mediada pela análise de conteúdo, partiu de critérios como representatividade e relevância com as questões discutidas.

4.1 Por uma linguagem simples, em nome do povo

Como mostra o Gráfico 1, parte dos adeptos de Bolsonaro (23%) concebem as normas de correção do discurso como uma desvalorização da linguagem popular. Esta categoria permite filtrar comentários que faziam à alusão contrária ao entendido como “discurso bonito”, “sofisticado”, de difícil entendimento, enaltecendo, assim, o uso da linguagem simples e popular na política. Com base neste dado, consideramos relevante interpretar os vínculos existentes entre o apelo por essa simplicidade e o caráter antielitista evocado pelo populismo. Para os populistas, as elites, econômicas, políticas, militares ou culturais são consideradas danosas para a democracia (ENGESSER et al., 2017; MANSBRIDGE e MACEDO, 2019).

A seguir, apresentamos alguns comentários de apoiadores do Bolsonaro e algumas publicações do então candidato que ilustram este entendimento. Isto porque, considerando a ótica estilística do populismo, De Vresse et al. (2018) sugerem que o populismo não é característica exclusiva dos atores que emitem a mensagem, mas, é, também, oriunda de uma lógica de comunicação política mais ampla. Em outras palavras, ao tratar o populismo como

um fenômeno comunicacional, entendemos que os processos comunicativos são fundamentais para construir ideias populistas (DE VRESSE et al., 2018).

Os comentários abaixo fazem referência à valorização de Bolsonaro pelo fato de adotar uma linguagem simples e popular:

Quadro 1 - Comentários de apoiadores de Bolsonaro que valorizam a linguagem simples e popular.

Comentário 1: ESSE É O CARA KKK AMOOOOOO...SEM MIMIMI FALA NA LATA.... PARECE CADA UM DE NÓS FALANDO

Comentário 2: Impossível debater com o Bolsonaro, as respostas são desconcertantes, desarma qualquer um, ele está fora dos cânones do politicamente correto, querer enquadrá-lo é como tentar prender um pum na parede, impossível.

Comentário 3: Um homem simples, com oratória a desejar, com dificuldade de encontrar um partido ou um Vice para a sua chapa; uma pessoa despojada, que fala o que dá na telha e não se esquiva do politicamente incorreto.

Comentário 4: Por esse motivo meu voto e dele, cansei de mimimi

FONTE - Elaborado pelas autoras, com dados extraídos da página de Facebook de Bolsonaro.

Bolsonaro foi exaltado por seus apoiadores pela sua figura simples, popular, contrário à linguagem culta das elites (ALONSO, 2019). Seu discurso de *outsider* (FURTADO, 2018) também o conferiu este lugar de quem está contra o *establishment*, e a favor do povo, apesar de seus quase 30 anos em cargo político. No comentário 1, podemos notar, por meio da frase “parece cada um de nós falando”, uma sensação de proximidade dos eleitores com Jair Bolsonaro, elogiado pela linguagem simples e “direta e reta” utilizada. Bolsonaro se apresentou como um “homem do povo”, e, para Alonso (2019), antes e depois da eleição ele investiu na estética do improvisado e na exaltação do homem comum. Podemos, assim, refletir, em relação à aprovação dos brasileiros desta figura política que se apresenta como uma representação do povo, pelo uso da linguagem coloquial e por se mostrar próximo. Na corrida eleitoral de 2018, Bolsonaro se diferenciou de Fernando Haddad (PT) e Ciro Gomes (PDT) neste quesito populista. Os outros candidatos carregam em si a o fato de serem professores universitários — são figuras intelectuais — enquanto Bolsonaro “se apresenta como brasileiro médio, pai de família, trabalhador, sem tempo, dinheiro ou paciência para os maneirismos dos cultos” (ALONSO, 2019, p. 63). No comentário 2 podemos perceber essa mesma exaltação da

linguagem coloquial ao tratar, por meio do termo “os cânones do politicamente correto”, a adequação discursiva como um padrão elitizado e de referência. Já o comentário 3, além de enaltecer a simplicidade de Bolsonaro, também o valoriza pelo seu caráter de *outsider* político- que será discutido melhor posteriormente (nesta mesma seção).

O comentário 4 é uma resposta à seguinte publicação de Bolsonaro:

Figura 1 - Publicação de Jair Bolsonaro sobre a questão da segurança, atacando as chamadas “palavras bonitas”. Data da publicação: 04/09/2018.



FONTE - Facebook.

A publicação é de uma matéria do Jornal Hoje (TV Globo), em que Bolsonaro afirma que vai regularizar títulos agrários da população indígena, e vai tentar combater o roubo de cargas. Ele ainda afirma que há, no Brasil, uma complacência com quem comete crimes. O comentário 4, assim, concorda com o então presidente, que acredita que discursos bonitos e palavras sofisticadas não possuem aplicação prática.

Abaixo, trazemos um comentário que se relaciona à valorização de Bolsonaro como um *outsider* político:

Quadro 2 - Comentário de apoiador de Bolsonaro que o relaciona à figura de um *outsider*.

Comentário 5: Eu nunca me liguei tanto em política como agora, sempre votei mais nunca ligando tanto pois sempre era os mesmos de sempre com os mesmos contos bonitos e mimimi, e aliás já estava desanimada para essa eleição para presidente, por se tratar dos mesmos corruptos, eu tinha decidido não votar pra nada e ninguém esse ano, só que o meu sobrinho que é um adolescente veio e me falou do Bolsonaro, comecei a pesquisar e me interessei pelo seu plano de governo, e então cá estamos nós com muita esperança de um Brasil melhor eu e minha família somos mais 17, somos Bolsonaro.!!!

FONTE - Elaborado pelas autoras, com dados extraídos da página de Facebook de Bolsonaro.

Conforme apontam De Vreese et al., 2018, a premissa do populismo antielitista é uma retórica geralmente utilizada por pessoas de fora, por atores políticos que buscam ganhar reconhecimento e influência no sistema. Porém, no caso de Jair Bolsonaro, esta ideia não se aplica, já que o atual chefe do executivo ocupou, durante 27 anos, o cargo de deputado federal. Apesar disso, Bolsonaro culpabiliza⁶ o *establishment* político pelas dificuldades enfrentadas pelo país. Bolsonaro, ao se mostrar insatisfeito com a classe política, além de se apresentar como um *outsider*, também se enquadra no quesito populista que desafia a autoridade legítima do *establishment* (NORRIS e INGLEHART, 2019). “A alegação não é apenas de que o *establishment* é arrogante em seus julgamentos, equivocado em suas decisões e desajeitado em suas ações, mas sim de que são moralmente errados em seus valores fundamentais.” (NORRIS e INGLEHART, 2019, p.5 - tradução nossa⁷).

O autor do comentário 5 alega que sua aproximação com as questões políticas se deu graças à descoberta da figura de Bolsonaro, bem como de seu plano de governo. Por este comentário, refletimos como certa parcela da sociedade via, durante o período eleitoral, o candidato do PSL como um representante “novo” na política - o que também podemos perceber no comentário 3. Além de se demonstrar também averso aos chamados “contos bonitos”, o comentário 5 também traz uma alegação contrária aos políticos contemporâneos, considerados, pelo emissor, como “corruptos”. Estes exemplos ilustram o argumento de pesquisas sobre as atitudes populistas entre os cidadãos que consideram as elites corruptas e também os grupos

⁶ Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/noticia/deputado-por-quase-30-anos-bolsonaro-diz-que>. Acesso em: 02/08/2020.

⁷ No original: “The claim is not just that the establishment are arrogant in their judgments, mistaken in their decisions, and blundering in their actions, but rather that they are morally wrong in their core values.” (NORRIS E INGLEHART, 2019, p.5)

externos culpados pelos percalços da nação (HAMELEERS, 2017; SCHULZ et al., 2017; DE VREESE et al., 2018).

Para os líderes populistas, o povo, em contraste com as elites, é a única fonte legítima de autoridade política e moral em uma democracia (NORRIS e INGLEHART, 2019; MANSBRIDGE e MACEDO, 2019). No comentário 6, demonstrado abaixo, o usuário responde a uma publicação de Bolsonaro, feita no dia anterior do segundo turno das eleições, em que o atual presidente diz: “Se for da vontade de Deus, amanhã será o dia de nossa nova independência. [...] Vamos devolver o Brasil aos brasileiros de bem!”.

Quadro 3 - Comentário de apoiador de Bolsonaro que ataca o “mimimi” e o “vitimismo”.

Comentário 6: Deus não... Da maioria do povo PRESIDENTE! E mais, nossas vidas estão sob sua responsabilidade! Portanto, não nos decepcione! Até o momento o srº Capitão, MITOU! Bora tirar os mimimis e vitimismo! Bora gerar emprego pela carteira e competência, não pela cor, sexo, religião.. Somos UMA só NAÇÃO com sede de justiça, trabalho, prosperidade e realizações! Confio no srº Jair Messias Bolsonaro

FONTE - Elaborado pelas autoras, com dados extraídos da página de Facebook de Bolsonaro.

O autor do comentário 6 ataca o “mimimi” e o “vitimismo”, entendida aqui como também um ataque à regulação do discurso em prol de grupos menos privilegiados. Além disso, destaca-se, no proferimento, a vontade “da maioria do povo”. Como apontam Norris e Inglehart (2019), o populismo, entendido como um estilo de discurso, aciona elementos relativos à questão sobre quem deve governar, e confere este poder de posse exclusiva do povo, e não das elites. Porém, nesse sistema, preocupações como a execução das políticas e as tomadas de decisões ficam em segundo plano.

Em síntese, entendemos que a relação entre o antielitismo populista e a valorização da linguagem popular se dá através da busca por um representante que se aproxima do povo, na valorização do *outsider* político, e, principalmente, no entendimento que o povo deve vir sempre em primeiro lugar. Até este ponto, destacamos a adesão ao politicamente incorreto por este valorizar uma linguagem simples. Neste esquema interpretativo, o foco da governabilidade do povo não corresponde a atitudes antidemocráticas. Porém, é necessário esclarecer diferentes premissas sustentando esta noção, e, assim, examinar quais elementos são corrosivos aos princípios e aos compromissos democráticos. Conforme alega Mounk (2019), os populistas, apesar de expressarem a voz do povo genuinamente, apresentam, frequentemente, uma proposta profundamente iliberal em seu pano de fundo.

4.2 Por uma homogeneidade popular

Conforme apontado no Gráfico 1, 68% dos apoiadores de Bolsonaro entendem as normas de correção do discurso como uma correção para tratar de pautas identitárias. A negação das diferenças históricas, sociais e políticas dos diversos grupos que convivem em esfera pública é uma das proposições vistas, tanto no populismo, quanto no ataque à regulação discursiva. Para líderes populistas, o povo é considerado um só (DE LA TORRE e PERUZZOTTI, 2018; NORRIS e INGLEHART, 2018; MANSBRIDGE e MACEDO, 2019; WAISBORD, 2019). Entretanto, há uma contestação alusiva ao fato de quem está incluído como “povo” (MANSBRIDGE e MACEDO, 2019). Por isso, para Hamelers (2019), estruturas de governo populistas ameaçam a comunicação democrática, já que prejudicam a diversidade, a tolerância, a razão e a busca da verdade.

A política das diferenças, bandeira levantada pelo politicamente correto (CHOI e MURPHY, 1992) é o que sustenta a verdadeira ideia de uma democracia real. Sendo assim, os contrários às normas de correção do discurso ferem princípios democráticos ao não reconhecerem as identidades de grupos estigmatizados. Seleccionamos alguns comentários de apoiadores de Jair Bolsonaro que atacam a regulação discursiva e, ainda, utilizam argumentação populista baseada na homogeneidade da população:

Quadro 4 - Comentários de apoiadores de Bolsonaro que se baseiam na homogeneidade da população.

Comentário 7: Isso mesmo Presidente!!! Chega do rótulo de politicamente correto.

Comentário 8: Menos mimimi nesse Brasil! Menos vitimismo!! Somos todos iguais!! Estamos mais do que nunca unidos por um Brasil melhor! Domingo, #bolsonaro17

Comentário 9: Cadê a união de todos, cadê o amor pelo Brasil?? Perdemos está batalha e não a guerra, vamos descansar e voltar novamente com ânimo e força, somos brasileiros tudo da mesma nação, eles querem é isso que fiquemos com mimimi, assim quem ganha são eles, fê em DEUS, o PAI sabe do que nos precisamos, uma ótima e abençoada semana a todos, #B17 sempre até vencer, fiquem com DEUS meus irmãos.

Comentário 10: Parabéns, vc é um homossexual inteligente, que se garante e não se vitimiza, que pensa pela nação inteira e não olha só pro seu umbigo, eu tbm sou gay e voto 17, Bolsonaro e mais ninguém é obrigado a gostar de gays, apenas respeita, da mesma forma que nenhum gay é obrigado a gostar de mulher, detesto esses gayzitas que querem privilégios, pq todos somos iguais perante a lei e tem mais, fala pra esses gays idiotas que se acham minorias de puro vitimismo, que minoria não elege presidente, abraço querido!

Comentário 11: Nzuri Lourenço Ah vai catar coquinho e para com esse mimimi vitimista, tudo desse povo é preconceito contra negros, afff, ainda bem que meus amigos negros que os amo pra caramba não fica com esse vitimismo idiota! Cada um com seus bons cargos graças ao seus esforços sem mimimi sem se fazer de coitados! Afff chega gente para com isso, somos todos iguais!!! E aceita Bolsonaro será o novo presidente do Brasil, chega de corruptos no poder, acordem!

FONTE - Elaborado pelas autoras, com dados extraídos da página de Facebook de Bolsonaro.

Os comentários 7 e 8 são respostas à seguinte publicação de Bolsonaro:

Figura 2 - Publicação na página de Jair Bolsonaro sobre a homogeneidade da população. Data da publicação: 25/10/2018.



FONTE - Facebook.

Tanto nos comentários quanto na publicação, podemos notar o apelo à unicidade popular, por meio de expressões “somos todos iguais!” e “o Brasil é um só!”, entre outras. Ao considerarem as demandas dos grupos estigmatizados - “diferenciados”, conforme Bolsonaro alega, pela sua cor ou sexualidade, como vitimismo ou demandas insignificantes, os

bolsonaristas estariam, assim, interrompendo a possibilidade de debate acerca dessas pautas. Por isso, conforme aponta Waisbord (2018), o populismo acaba por se opor a preceitos fundamentais da democracia democrática, baseada na necessidade da tolerância, da inclusão e da solidariedade e, sobretudo, da possibilidade de um debate composto por justificativas e razões. Tais princípios, segundo o autor, são indispensáveis para a viabilidade da vida pública em sociedades globalizadas e multiculturais. Nesta linha argumentativa, Mansbridge e Macedo (2019) alegam que unicidade das pessoas, requerida pelo populismo, revela uma característica perigosa à convivência com a pluralidade, já que retiram os problemas centrais da política democrática, como o desacordo genuíno, a diversidade de interesses e a natureza essencial da deliberação, da negociação entre entendimentos e do compromisso responsável entre as partes.

Nos comentários destacados acima, vemos a negação da existência de uma sociedade plural. Há uma afinidade com a versão populista antagônica não só às elites, mas, também, a grupos vulneráveis e em desvantagem, característica esta do populismo de direita (JUDIS, 2016; MANSBRIDGE e MACEDO, 2019). Nesses comentários, o desrespeito, a ofensa ao outro e a negligência às lesões por eles provocadas, não só negam as problemáticas, mas, também, ferem a existência desses indivíduos ou de grupos sociais. Qualquer forma de ódio destinada a grupos estigmatizados causa danos ao movimento de reconhecimento das lutas identitárias. O preconceito chamado vitimismo, frescura ou mesmo de “mimimi” é uma forma de deslegitimação do sofrimento e da própria existência do outro enquanto sujeito merecedor de respeito. Para Cavalcanti (2018), o termo “mimimi” é utilizado em confrontos, pelas pessoas que consentem que acusações de desrespeito ou de preconceito seriam simples queixas sem fundamento. Peter Pál Pelbart (2019, p. 100) se utiliza das palavras de uma articulista (não identificada), que afirma que “mimimi” é “o jeito de desqualificar o sofrimento de mulheres, negros, indígenas, transexuais e pobres”.

No comentário 10, nota-se um argumento legítimo: o da igualdade de direitos e obrigações. Porém, percebe-se também a negação dos conflitos existentes entre as diversas identidades, bem como um caráter homofóbico e misógino. Além disso, o autor trata com menosprezo a questão das ações afirmativas, como o autor do comentário 11, que, por negar a existência do racismo, também pode ser considerado racista. Sua relação com o populismo se tanto na argumentação da homogeneidade popular, como, também, pela alegação que Bolsonaro é um *outsider* na política, e, portanto, apto a dar um novo início ao projeto de sociedade ideal. .

Para De La Torre e Peruzzotti (2018), a tentativa populista de emplacar o argumento do povo como um só pode se tornar mais desafiadora em sociedades já democratizadas e baseadas num grau significativo de diferenciação institucional e pluralismo cultural. O campo político brasileiro, por ter uma democracia que apresenta movimentos pendulares, ora de recessão democrática, ora de fortalecimento de seus pressupostos (AVRITZER, 2018), o argumento da unicidade popular — central da campanha bolsonarista — revela a pretensão de desinstitucionalização de garantias e direitos mais danosos. Para governos populistas, entender a população como heterogênea é uma adversidade, na medida em afirmar a pluralidade e desigualdade social implica numa necessidade de criar políticas públicas específicas para cada estratificação da sociedade.

No comentário 12, destacado a seguir, podemos detalhar uma das considerações de Müller (2016, p.21 - tradução nossa⁸): "Esta é a principal reivindicação do populismo: apenas algumas pessoas são realmente as pessoas.". Há uma demarcação populista às fronteiras dos *demos* que defende, implicitamente, que as políticas devem ser voltadas a alguns cidadãos e não a outros (MOUNK, 2019).

Quadro 5 - Comentário de apoiador de Bolsonaro que faz referência ao brasileiro de bem.

Comentário 12: O Brasil é dos brasileiros de bem! Somos todos iguais em direitos e obrigações, chega desse vitimismo e “coitadismos” imposto pela esquerda! Bolsonaro presidente 17BR. #B17 #Bolsonaro

FONTE - Elaborado pelas autoras, com dados extraídos da página de Facebook de Bolsonaro.

Além da homogeneidade popular, o populismo bolsonarista também se alia à ideia da exclusividade popular, que considera dignos de respeito apenas os brasileiros “de bem”. Conforme afirmam Baptista et al. (2018), a figura do “cidadão de bem” representa um “eu” contemplado com valores morais e éticos inquestionáveis, que permite ao “outro” fazer parte desse grupo seletivo, desde que atenda aos pressupostos do modelo ideal de cidadão. Esta noção se relaciona a uma das características centrais do populismo, a da superioridade moral de certos grupos (MANSBRIDGE e MACEDO, 2019). Alonso (2019) explica que a comunidade moral bolsonarista se estrutura no compartilhamento de códigos binários, “que divide o mundo em bem e mal, sagrado e profano, gente de família e indecentes, cidadãos de bem e bandidos, éticos

⁸ No original: “This is the core claim of populism: only some of the people are really the people.” Müller (2016, p.21). Ver também em: Mansbridge e Macedo, 2019, p.63.

e corruptos, nacionalistas e globalistas” (p. 52). Tais divisões, segundo a pesquisadora, são responsáveis pela simplificação da realidade, pela ativação de sentimentos coletivos, como o afeto, o medo e o ódio. Ademais, o manejo dessas clivagens reforça o senso de pertencimento a uma comunidade de pares similares.

No contexto da sociedade brasileira, pode-se dizer que há entre as elites o acordo de rejeição ao PC (SOARES, 1998; SCABIN, 2018). Isso porque considera-se que a concepção do PC, além de limitar o humor e a espontaneidade, tem um caráter racionalista, puritano e autoritário, que arquiteta uma sociedade artificialmente uniforme. Diante da impotência as vozes dos agentes que sofrem discriminação no tecido social – mulheres, negros e negras, população LGBTQIA+, indígenas, entre outros – não se pode discutir sobre as formas de opressão a partir do viés de que há igualdade de “voz pública” e acesso às instâncias de visibilidade pública e aos fóruns de tomada de decisão política. Entendemos que não há democracia sem igualdade (HABERMAS, 1997; HONNETH, 2009; BROWN, 2019). Segundo Ramos (2017), a polêmica que envolve o politicamente correto expressa a necessidade de novas configurações de esferas públicas, locais em que seja possível constituir um debate real sobre as diversas violências que estruturam a sociedade.

O pretenso apagamento do conflito e a deslegitimação das pautas das minorias, bandeiras levantadas pelo populismo (DE VREESE et al., 2018), somam-se à busca pela homogeneidade popular, conforme já apontado. Observa-se que a busca por uma sociedade ideal, vista na campanha de Bolsonaro, pautou-se na criação de um ser único: o indivíduo que se afirma brasileiro, antes mesmo de qualquer outra pauta identitária. Como afirma Angela Alonso (2019, p. 54): “em vez da estratificação, homogeneidade”. Daí nasce o mote “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”.

Qual relação há entre a unicidade popular clamada pelo populismo e a contrariedade às pautas identitárias? Recapitulando nosso segundo elemento de investigação dos ataques ao PC, argumentamos que esta imbricação, sob a ótica bolsonarista, considera as demandas de grupos vulneráveis como ameaças à legitimidade do governo. Ao negar as diversas camadas trazidas pelas pautas identitárias, aqueles que contestam a reforma do discurso buscam levantar os alicerces para a criação de uma sociedade homogênea. Todos indiferenciados, unidos por um único interesse em comum e um só ideal: a crença da construção de um Brasil melhor.

4.3 Situações complexas, soluções simplificadas

Dois dos pontos tratados por Runciman (2018) se apresentam como fundantes das frustrações em relação à democracia contemporânea: (i) a artificialidade inerente nesta forma de co-legislação e (ii) a incapacidade dessa organização coletiva em dar respostas imediatas. No primeiro eixo, a artificialidade, para o autor, se refere aos partidos políticos, que impedem uma relação direta entre o povo e seus representantes. “Os líderes políticos carismáticos conseguem convencer os eleitores de que o partido é mais que uma simples máquina de arrecadar votos.” (RUNCIMAN, 2018, p. 122). O discurso antissistêmico e antipartidarista, característica de Bolsonaro (SOLANO, 2019), o posicionou como um candidato acima do centro e do jogo de artimanhas políticas, sob o viés de seus apoiadores.

Respostas simples para situações complexas. No segundo eixo, os líderes populistas, indispostos a admitir as particularidades e complexidades do mundo (MOUNK, 2019), prometem soluções rápidas para os problemas contemporâneos. Este fato corrobora a ideia populista que confere ao líder o poder de ser a exclusiva e legítima voz do povo e da nação (DE LA TORRE e PERUZZOTTI, 2018; MANSBRIDGE e MACEDO, 2019, MUDDE e KALTWASSER, 2017). Sendo assim, a personalização das experiências políticas (PANKE e THAUANY, 2013; RIBEIRO e POZOBON, 2019) acaba por promover a ideia de que a salvação para os problemas está na figura de um único representante.

Cabe destacar que trabalhar à luz da crença de soluções simples para problemas complexos é uma das características da comunicação populista. O código “para salvar o Brasil”, em nosso processo de codificação, categorizou os comentários que faziam alusão a uma necessidade de restabelecimento e mudança do país, com argumentos referentes à construção de um “novo Brasil”, e a possíveis caminhos para salvar a nação. Nesta seção analítica, abordaremos alguns pontos concernentes produzidos pelas redes bolsonaristas entre o ataque ao PC e a imagem de Bolsonaro como esperança para o Brasil em período eleitoral. Busca-se aqui a empreender a superação da regulação da linguagem como parte de um projeto de futuro ideal.

Abaixo, expomos alguns comentários de apoiadores de Bolsonaro que articulam sua figura como a esperança para a mudança necessária que o país precisa:

Quadro 6 - Comentários de apoiadores de Bolsonaro que reivindicam por mudanças no Brasil.

Comentário 13: Só porque ele adotou a estratégia de, em debates ou entrevistas, não utilizar o artifício do politicamente correto, campo criado e dominado pela esquerda ensaboada, ainda tem gente que classifica o Bolsonaro como um louco! Se ele fosse um louco, não teria tanta gente boa acreditando e manifestando apoio ao seu governo! VAMOS PENSAR MAIS!! Mas, se você já está convencido de que BOLSONARO é a melhor opção para enfrentar a politicagem e promover as mudanças que o Brasil precisa, faça sua parte!! Repasse para todos os seus contatos!!!! MUDA BRASIL!!! (Circulando nas redes sociais).

Comentário 14: Bolsonaro o Senhor em suas palavras demonstra estar tão "cansado" quanto qualquer Brasileiro de bem. O seu comprometimento com a Pátria Amada e com nossas famílias me dá esperança. Sua coragem em dizer o que pensa expor nossa realidade sem freios ou mimimi, dar soluções a problemas sérios no nosso país sem se preocupar em agradar o sistema. Realmente requer a coragem de um guardião da nação. Que acredito que hoje o Sr. representa "Ser".

Comentário 15: Eduardo Costa meu respeito a vc. Autêntico e de coragem. Finaliza cantandooooo . Sr. PRESIDENTE estamos juntos pois juntos somos mais fortes. Chega de mimimi. A vida só é dura pra quem é mole... Bora la botar este Pais nos eixos di novo. Uhulllll

FONTE - Elaborado pelas autoras, com dados extraídos da página de Facebook de Bolsonaro.

O comentário 13, além de atacar a utilização da linguagem politicamente correta, entendida como a regulação discursiva, afirma que Bolsonaro é a solução ideal para viabilizar as transformações necessárias ao país. Durante o período eleitoral, Bolsonaro se colocou enquanto o representante legítimo dos anseios populares. Fato este que pode ser reafirmado ao vermos parte de seu discurso de posse no Congresso, no dia 1º de janeiro de 2019: "Volto a esta Casa, não mais como deputado, mas como Presidente da República Federativa do Brasil, mandato a mim confiado pela vontade soberana do povo brasileiro."⁹. Um líder que é a personificação do povo utiliza linguagem simples, expressa o senso comum da população e oferece soluções simplificadas (MANSBRIDGE e MACEDO, 2019; MOUNK, 2019).

No proferimento de número 14, ao enaltecer Bolsonaro por falar “sem freios ou mimimi”, também vangloria o então candidato pela sua coragem e por ser o guardião da nação - desta forma, o emissor atribui a Bolsonaro toda sua esperança de criação de um país melhor. Neste caso, a noção de “melhor” alude ao comportamento que não se pauta pelos freios postos pelos processos civilizatórios de autorregulação democrática dos cidadãos em termos de responsabilização e tratamento respeitoso recíproco (HABERMAS, 1997; HONNETH, 2009). Além disso, o autor do comentário diz que Bolsonaro é o responsável por “dar soluções

⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Acesso em: 02/08/2020.

a problemas sérios no nosso país sem se preocupar em agradar o sistema”. Cabe, nesta altura do artigo, destacar que as políticas públicas necessárias às mudanças socioeconômicas de um país não são simples, imediatas, e tendem a ser impopulares (MOUNK, 2019). Mounk (ibid.), para explicar este argumento, toma como exemplo as eleições dos Estados Unidos de 2016, em que milhões de eleitores norte-americanos julgaram como autêntica e determinada a simplicidade das pautas trazidas por Trump, enquanto as propostas de Clinton foram consideradas complexas e, assim, insinceras e indiferentes aos reais problemas enfrentados pelas pessoas. Os comentários destacados acima, bem como em outros do nosso corpus, sugerem que os eleitores não estão dispostos a pensar na complexidade do mundo, e, por isso, parecem propensos a eleger quem promete soluções simples (MOUNK, 2019). Para Mansbridge e Macedo (2019), a simplificação excessiva das questões políticas - advinda da preferência populista pelas exigências das majorias em detrimento dos direitos das minorias - associada à unificação popular, mina as estruturas básicas da democracia liberal.

Além disso, os apelos populistas levam à percepção de que, caso o *establishment* político não tome medidas sensatas, consideradas simples e rápidas, os políticos do sistema estariam não só preocupados consigo mesmos, como, também, conferido benefícios indevidos a grupos determinados e minorias étnicas. Aliar-se ao politicamente correto significaria um desses benefícios a grupos, por um lado, e, por outro, revelaria, a incompetência e a inutilidade para o jogo político no plano governamental (MOUNK, 2019). Ainda analisando os comentários 13, 14 e 15, pode se dizer, seguindo a argumentação de Mounk, que a possível solução trazida pelos grupos populistas é a própria figura do líder: “Para a crise ser resolvida [...] precisamos apenas que um leal porta-voz que assuma o poder, derrote os traidores e implemente soluções sensatas. [...] Esse porta-voz é o populista.” (MOUNK, 2019, p.61).

Quadro 7 - Comentários de apoiadores de Bolsonaro que o relacionam a uma vontade divina.

Comentário 16: Concordo 100% com as ideias... tomara q consiga colocá-las em prática... amém se Deus permitir... precisamos retomar a ordem do país respeito, educação para ai podermos caminhar para o progresso... chega de mimimi de frescurite que o país esta tomado por uma onde de frescura.

Comentário 17: Apoio e apoiarei até o fim essa campanha. Se perder amigo é porque não era amigo de verdade. E parente se quiser virar a cara pode virar. Não dá é para ter filhos e ver os dias de hoje a merda que tem virado com essa sociedade MIMIMI. O PT acabou com a educação em todo sentindo nesse país. Que Deus ajude Jair Bolsonaro a ter um bom desempenho para o melhor desse país.

FONTE - Elaborado pelas autoras, com dados extraídos da página de Facebook de Bolsonaro.

Nos comentários acima, notamos que os autores relacionam a eleição de Bolsonaro a uma espécie de salvação divina. O então candidato, em sua campanha, manteve forte apelo religioso, visto também pelo slogan: “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.”, apesar da laicidade do nosso estado. A ideia, nestes comentários, é que Bolsonaro “salve” o país das frescuras e do “mimimi”. Ou seja, entende-se, de certa forma, que o respeito às diferenças e a regulação discursiva e comportamental são corrosivos ao Brasil. Certamente, um dos problemas de líderes populistas é a tentativa de apagar o papel de instituições e de arranjos democráticos. Segundo Mansbridge e Macedo (2019), o fato de as pessoas se unirem e se identificarem com um único indivíduo não seria, em si, danoso à democracia. O problema está, sobretudo, quando não há mediação entre o líder o povo.

A terceira e última reflexão do presente artigo busca evidenciar a tentativa de superação da regulação do discurso como parte de um projeto de um futuro ideal. No contexto brasileiro, a figura de Bolsonaro é constituída como salvador do país. Entendemos que esta visão, proposta tanto pelo então candidato a presidente quanto por seus apoiadores, faz avançar propostas de soluções simples para problemas complexos. Há nessa promessa da atividade política uma espécie de salvação divina, e, ao mesmo tempo, a projeção de um único e legítimo líder a representar o povo. Neste contexto, é importante refletir acerca do quê exatamente Bolsonaro precisaria salvar o país. A partir dos comentários em nossa amostra, destacam-se duas demandas principais: livrar o Brasil da politicagem, do “mimimi”, e voltar-se para problemas sérios - vistos como urgentes de maneira genérica; e retomar a ordem das hierarquias, o respeito, a educação e o progresso do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo explorar de que modo o ataque à regulação discursiva se apresenta atrelado a diferentes facetas do populismo, no período eleitoral brasileiro. Em primeiro lugar, buscamos evidenciar a relação existente entre a crítica ao PC, o antielitismo populista e a valorização da linguagem popular. Esta dimensão revela a busca por um representante que se aproxima do povo pela sua fala e linguagem, a valorização do *outsider* político, e, ainda, na percepção de que o povo é sempre prioridade na governança. Se valorização da linguagem simples e focalização na soberania popular não constituem atitudes antidemocráticas, o efeito danoso provável se dá quando o líder, além de expressar a frustração do povo, busca também minar as instituições liberais. Em segundo lugar, o ataque ao PC se expressa na unicidade popular clamada pelo populismo e na oposição às chamadas pautas identitárias. Aqui, as demandas de grupos vulneráveis são desprezadas, ridicularizadas e vistas como desprovidas de fundamento. O grupo seletivo de “cidadãos de bem” se unem na cruzada contra os inimigos, traidores e exploradores, a fim de construir uma sociedade homogênea. Por fim, e em terceiro lugar, a superação do PC revela-se como projeção do futuro ideal. O próprio líder encarna os mesmos interesses do povo, para a retomada do bem e do progresso. Vontade e determinação são os pressupostos para solucionar os problemas sociais. A salvação se daria mediante a superação das diferenças, da pluralidade e do conflito, e do fechamento dos espaços da oposição, que constituem ameaças à legitimidade de um governo democrático.

A regulação discursiva, ao se representar enquanto sinônimo para o empenho da linguagem politicamente correta, opera, assim, como um alinhamento não-estatal baseado em acordos sociais de convivência, com o objetivo de criar uma esfera pública mais inclusiva. É a autorregulação da sociedade. Entretanto, quando o ataque a esta regulação se transforma em intolerâncias extremas, a atuação do Estado mostra-se relevante em sociedades democráticas, incluindo, por exemplo, legislações que combatem o racismo e a injúria racial. Líderes populistas autoritários, ao se ascenderem alinhados aos anseios populares, ganham o apoio da opinião pública e, por meio das próprias instituições liberais, acabam por minar a democracia.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: Abranches et al. (orgs). **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019. 11-34p.

ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. In: Abranches et al. (orgs). **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras. 2019. 52-70p.

AVRITZER, Leonardo. O Pêndulo da democracia no Brasil: uma análise da crise (2013-2018). In: Avritzer et al. **Pensando a Democracia, a República e o Estado de Direito no Brasil**. Belo Horizonte: Projeto República. 2019. 17-38p.

BAPTISTA, Érica Anita; Lopes, Nayla; Martins, Ana Clara; Melo, Paulo Victor. Eleições 2018: a campanha para o cidadão de bem. In: ENCONTRO ANUAL ANPOCS, 42., 2018, Caxambú. Anpocs, 2018, Caxambú, MG. **Anais [...]**. Caxambú: ANPOCS, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Almedina, 1994.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a Ascensão da Política Antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Editora Politeia, 2019.

CAVALCANTI, Jauranice R., Black is beautiful: a polêmica envolvendo o uso de um slogan. **Discurso & Sociedad**, Vol.12(3), 2018, p. 438-451.

CHOI, Jung Min; MURPHY, John. **The Politics and Philosophy of Political Correctness**. Santa Barbara: Praeger. 1992.

CHUERI, Juliana. People against the elite? Jair Bolsonaro's presidential campaign. In: ENCONTRO ANUAL ANPOCS, 42., 2018, Caxambú. Anpocs, 2018, Caxambú, MG. **Anais [...]**. Caxambú: ANPOCS, 2018.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. A política e o espetáculo em Jair Bolsonaro, João Doria e Nelson Marchezan. **Imagofagia – Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine e Audiovisual**, Buenos Aires, n. 18, 2018.

DE LA TORRE, Carlos; Peruzzotti, Enrique. Populism in Power: Between Inclusion and Autocracy. **Populism**, 1(1), p. 38-58, 2018.

DE VREESE, Claes H.; ESSER, Frank; AALBERG, Toril; REINEMANN, Carsten; STANYER, James. **Populism as an Expression of Political Communication Content and Style: A New Perspective**. The International Journal of Press/Politics, p.1-16, doi:10.1177/1940161218790035, 2018.

DI CARLO, Josnei; KAMRADT, João. “Bolsonaro e a cultura do politicamente incorreto na política brasileira”. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2018, p. 55-72.

DZENIS, Sandra; FARIA, Filipe Nobre. Political Correctness: the Twofold Protection of Liberalism. **Philosophia**, 48, 2020. p. 95-114.

ENGESSER, Sven; ERNST, Nicole; ESSER, Frank; BÜCHEL, Florin. **Populism and social media: how politicians spread a fragmented ideology**. Information, Communication and Society, 20(8), 2017, p.1109-1126.

ERNST, Nicole; ESSER, Frank, BLASSNIG, Sina; ENGESSER, Sven. Favorable Opportunity Structures for Populist Communication: Comparing Different Types of Politicians and Issues

in Social Media, Television and the Press. 1,24 **The International Journal of Press/Politics**, 2018

FERES Jr., João; GAGLIARDI, Juliana. 2018. O sucesso eleitoral da Nova Direita no Brasil e a mudança do paradigma comunicativo da política. In: AVRITZER, Leonardo; STARLING, Heloisa M.; BRAGA, Pauline; ZANANDREZ, Priscila. **Pensando a democracia, a república e o estado de direito no Brasil**. Belo Horizonte: Projeto República, 2018.

FERREIRA, Ricardo Alexino. Negro midiático: construção e desconstrução do afro-brasileiro na mídia impressa. **Revista USP**, São Paulo, n. 69. p. 80-91, 2006.

GALEOTTI, Anna Elisabetta. **Toleration as recognition**. London: Cambridge University Press, 2005.

GOYA, Denise Hideko. A polarização ideológica no Twitter: um estudo sobre as redes de retweets durante as eleições presidenciais de 2018. **COMPOLÍTICA**. São Paulo, v. 8, 2019.

GRANATH, Solveig; Ullén, Magnus. ‘The Elevation of Sensitivity over Truth’: Political Correctness and Related Phrases in the Time Magazine Corpus. **Applied Linguistics**, 40 (2) 2017, p. 1–24.

HABERMAS, Jürgen. Direito e Democracia – entre facticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1997.

HALL, Stuart. Some 'Politically Incorrect' Pathways Through PC. In: S. Dunant (ed.) **The War of the Words: The Political Correctness Debate**, 1994. p. 164–84.

HAMELEERS, Michael. **The Populism of Online Communities: Constructing the Boundary Between “Blameless” People and “Culpable” Others**. Oxford: Communication Culture & Critique, 2019. p. 1-19.

HAMELEERS, Michael. **They Did It? The Contents, Effects and Mechanisms of Blame Attribution in Populist Communication**. Ph.D. diss., University of Amsterdam, 2017.

HERZOGENRATH-AMELUNG. The new instantaneity: how social media are helping us privilege the (politically) correct over the true. **Media, Culture & Society**, Nova Iorque, vol. 38, n. 1, 2016, p. 1080–1089.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2009.

HUGHES, Geoffrey. **Political Correctness: A History of Semantics and Culture**. Wiley-Blackwell, 2010.

ITUASSU, Arthur; LIFSCHITZ, Sérgio; CAPONE, Letícia; MANNHEIMER, Vivian. Campanhas *online* e democracia: as mídias digitais nas eleições de 2016 nos Estados Unidos e 2018 no Brasil. In: **O Brasil vai às urnas: as campanhas eleitorais para presidente na TV e internet**. PIMENTEL, Pedro Chapaval; TESSEROLI, Ricardo (org.). Londrina: Syntagma Editores, 2019.

JUDIS, John B.. **The Populist Explosion: How the Great Recession Transformed American and European Politics**. New York: Columbia Global Reports, 2016.

KRIPPENDORF, Klaus. Testing the reliability of content analysis data: what is involved and why. In: Klaus Krippendorf; Mary Angela Bock. **The Content Analysis Reader**. Los Angeles: Sage Publications, 2007. p. 350-357.

MANSBRIDGE, Jane; MACEDO, Stephen. Populism and Democratic Theory. **Annual Review of Law and Social Science**, 15, 2019, p.59–77.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal R..**Populism: A Very Short Introduction**. New York: Oxford University Press, 2017.

MÜLLER, J-W. **What Is Populism?** Philadelphia: Univ. Pa. Press, 2016.

NARLOCH, Leandro (2009). **Guia politicamente incorreto da História do Brasil**. São Paulo: Leya. 2011.

NEUENDORF, Kimberly A. **The content analysis guidebook**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2002.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. **The cultural backlash theory: Eroding the civic culture**. In: Cultural Backlash: Trump, Brexit and authoritarian populism. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

PANKE, Luciana; THAUNY, Jeferson. Características do discurso eleitoral no Facebook. In: Castilho, Alessandra; Rocha, Daniela; Gondo Macedo, Roberto (org.). **Comunicação política na esfera pública: democracia, eleições e cidadania no Brasil**. Capivari: Editora Nova Consciência, 2013, p. 165-181.

PELBART, Peter Pál. O mimimi como categoria biopolítica. **Cadernos de Subjetividade**. (PUCSP), v. 20, 2019, p. 99-104.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Sobre o porquê de tanto ódio contra a linguagem "politicamente correta". In: F. Silva & H. Moura (Orgs.). **O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis: Insular, 2000, p. 93-102.

RAMOS, Maria Elisa T. O que pensam os alunos do ensino médio sobre o ensino de história apresentado no *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil* de Leandro Narloch. **Diálogos**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 345-367, 2015.

RAMOS, Silvana de Souza. O politicamente correto e a topologia da exclusão. **Revista USP**, São Paulo. 2017, n. 115, 2017, p. 41-50

RIBEIRO, Andressa Dembogurski; POZOBON, Rejane de Oliveira. Eleições 2018: análise das estratégias discursivas dos candidatos à presidência do Brasil no Instagram. *In:* PIMENTEL, Pedro Chapaval; TESSEROLI, Ricardo (org). **O Brasil vai às urnas: as campanhas eleitorais para presidente na TV e internet.** Londrina: Syntagma Editores, 2019.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim.** São Paulo: Todavia, 2018.

SANTANA, Gabriel, LEAL, Maria Virgínia. Análise do discurso politicamente incorreto na atual mídia humorística televisiva brasileira: o caso de entrevistas feitas por Danilo Gentili. **Domínios de Lingu@agem**, Uberlândia, v. 13, n. 1, 2019.

SCABIN, Nara Lya Cabral. **Politicamente correto, uma categoria em disputa.** Curitiba: Appris, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHULZ, Anne; MÜLLER, Philipp; SCHEMER, Christian; WIRZ, Dominique S.; WETTSTEIN, Martin; WIRTH, Werner. Measuring Populist Attitudes on Three Dimensions. **International Journal of Public Opinion Research.** 30 (2), 2017, p.316–26.

SHAFER, Jessica G. Donald Trump's "Political Incorrectness": Neoliberalism as Frontstage Racism on Social Media. **Social Media + Society**, 3(3), 2017, p.1-10.

SOARES, Luiz Eduardo. Politicamente correto: o processo civilizador segue seu curso. In P. Pinto, C. Magro, E. Santos & L. Guimarães (Orgs.). **Filosofia analítica, pragmatismo e ciência** (pp. 217-238). Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

SOLANO, Esther. "Eu voto no Bolsonaro porque ele vai mudar o Brasil": escutando os eleitores de Bolsonaro. *In:* AVRITZER, Leonardo; MURGEL, Heloisa; PAULINE BRAGA, Priscila (Org.). **Pensando a democracia, a República e o Estado de Direito no Brasil.** Belo Horizonte: UFMG. 2019, p. 119-131.

SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira: Para entender o país além do jeitinho brasileiro.** 1.ed. Rio de Janeiro: Leya. 2018.

STRAUTS, E.; BLANTON, H. That's not funny: Instrument validation of the concern for political correctness scale. **Personality and Individual Differences**, v. 80, 2015.

STROMER-GALLEY, Jennifer. **Presidential campaigning in the Internet age.** New York: Oxford University Press, 2014.

WAISBORD, Silvio. The elective affinity between post-truth communication and populist politics. **Communication Research and Practice**, 2018, p.1-18.

WAISBORD, Silvio. Why Populism is Troubling for Democratic Communication. **Communication Culture & Critique**, 11, 2018, p.21-34.

AUTORAS:

Bruna Silveira de Oliveira

Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Grupo de Pesquisa Mídia e Esfera Pública (EME/UFMG). Bolsista Capes.

E-mail: bsilveira9@gmail.com

Rousiley Celi Moreira Maia

Professora Titular do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Líder do Grupo de Pesquisa Mídia e Esfera Pública (EME/UFMG). Doutora em Ciência Política pela University of Nottingham (Inglaterra).

E-mail: rousiley@gmail.com